

Blumenau em Cadernos



TOMO XI - ★ NOVEMBRO DE 1970 ★ - Nº. 11

CANTO DOS COOPERADORES

**ESTA PUBLICAÇÃO PODE SOBREVIVER GRAÇAS
À GENEROSA CONTRIBUIÇÃO DOS
SEGUINTE COOPERADORES:**

Cremer S/A. — Produtos Têxteis e Cirúrgicos

Centrais Elétricas de Santa Catarina S/A.

Tabacos Blumenau S/A

Indústrias Têxteis Comp. Hering S/A.

Artex S/A

Dr. Henrique Hacker — Blumenau.

José Sanches Júnior — S. Paulo.

Prefeitura Municipal de Blumenau.

Companhia de Cigarros Souza Cruz.

Empresa Industrial Garcia S/A.

Arthur Fouquet — Blumenau.

Banco Brasileiro de Descontos S/A

Tecelagem Kühnrich S/A.

Eletro Aço Altona S/A.

Distribuidora Catarinense de Tecidos S/A.

Bluménau

em Ladernos

TOMO XI — ★ NOVEMBRO DE 1970 ★ Nº. 11

Um Gesto Magnânimo

Por Gustavo KONDER

Ainda hoje existem, em Itajaí, na terceira quadra da rua Lauro Müller, distante uns seiscentos metros da praça Cel. Vidal Ramos e da Velha matriz, três residências. Uma delas, na esquina, um pouco afastada da rua, ladeada por um belo jardim era o palacete de meus pais, construído em 1910. As outras, logo ao lado, eram ligadas entre si por um portão de madeira. Eram dois edifícios antigos construídos rente à calçada. No primeiro ao lado do palacete, residiam os meus avós maternos (Regis) e no segundo, funcionava a repartição do telégrafo, em cujos fundos morava o telegrafista Gervásio Vieira, casado com minha tia Florência, apelidada por Flor. O tio Gervásio era encarregado-chefe do telégrafo.

Atrás deste conjunto residencial, existia uma vasta chácara que se estendia até a orla da primitiva estrada, margeada por uma lagoa artificial formada por um comprido espigão de pedras. (Este espigão fôra construído com a finalidade de orientar a navegação na fôz do rio Itajaí, ou seja, até a entrada de barra). A referida lagoa era rasa e pantanosa, cercada por belos pés de cajú e onde a meninada, inclusive nós, pescávamos siris e carangueijos ou passeávamos de canoa. Foram dias despreocupados e felizes que não voltam mais. Atualmente a lagoa está parcialmente soterrada e a paisagem transformada e irreconhecível.

A residência de meus avós, atarracada e simples, possuía, naquele tempo, seis janelas com vidros triangulares e coloridos e ao centro uma grande porta de entrada. Foi aí que passei a melhor parte de minha meninice, juntamente com o meu inseparável companheiro e primo Eduardo, filho da minha inesquecível tia Flôr.

Diariamente depois de acabar as minhas lições (leitura labial), ia para lá, a fim de brincar e também de "especular" tudo o que meus avós faziam. Muitas vêzes dormia na cama grande da vovó Luiza, pois o vovô Xandóca, por causa dos seus roncões, recolhia-se a um quarto menor repleto de arreios, ferramentas e materiais necessários à conservação das linhas telegráficas (já que era na época o inspetor-chefe).

Havia também uma pequena mesa e uma cadeira de braços em estilo rústico e a um canto, um enorme e tôsko baú de madeira para guardar roupas. Atrás havia uma espaçosa varanda com duas cadeiras de

balanço em estilo italiano e onde os saudosos velhinhos passavam as suas horas de lazer. Na grade que cercava a varanda, o meu avô cultivava dezenas de cactus plantados em vasos e que floresciam em todos os matizes. Estas flôres são vulgarmente chamadas de "laços de cetim". Ele enxertava-as habilmente e obtinha efeitos esplendorosos. Além de outras plantas ornamentais, existiam, em toda a chacara, uma enorme quantidade de árvores frutíferas e entre elas um gigante pé de ingá-macaco. Debaxo desta árvore havia um chiqueiro com vários porcos, gordos e bem tratados. Entre êles, o porquinho de estimação. No fundo do quintal ficava um grande rancho fechado para guardar as duas carroças e logo atrás a estrebaria com dois cochos compridos para seus quatro cavalos brancos. Êstes cavalos eram o mimo do meu bondoso vovô, que costumava banhá-los e escovar-lhes as longas crinas e cauda que êle não costumava aparar. Encostado na cêrca dos fundos, debaixo de uma frondosa amoreira, existia um banco, onde tôda a família (avós, filhos e netos) costumavam sentar-se, às tardes, a fim de deliciar-se com a fresca brisa vinda do mar.

Jamais esquecerei de um caso que aconteceu a um pobre louco que, sendo pacífico, perambulava pela cidade e principalmente na nossa simpática rua. Chamava-se Júlio e possuía uma cara de Judas. Andava maltrapilho e sujo e do canto da boca pendia-lhe, invariavelmente, um tóco de cigarro de palha apagado e molhado. Sempe "lia" num pedaço de jornal, que segurava com as duas mãos e balbuciava baixinho horas a fio.

Pois bem, um belo dia o meu avô foi à janela da sala para espiar o movimento da rua, e vendo aproximar-se o louco encheu-se de compaixão. Meneando a cabeça, rumou para o seu quarto com o fito de retirar do baú diversas peças de vestuário. Em seguida foi para o portão lateral com a roupa debaixo do braço, aguardando a aproximação do infeliz. Quando êste chegou segurou-o delicadamente pelo braço e conduzi-o para o grande rancho das carroças. Naturalmente eu, curioso e amedrontado também os seguia. Mas, na entrada do rancho, meu avô mandou-me para longe. Fiquei então escondido atrás do grosso tronco do pé de ingá sem despregar os olhos do rancho.

Vovô dirigiu-se à cosinha da qual voltou com dois baldes de água, sabonete e uma velha toalha e isto muito me intrigou. Decorrido algum tempo os dois reapareceram. O louco todo limpo e bem vestido com uma camisa de malha bordada e fechada por um cordel de borlas (daquelas que os irmãos Hering fabricavam na época) e com uma calça de brim cinza. Achei maravilhosa a transformação, mas a vovó Luiza que observava tudo da varanda, vendo o Julio vestido com uma roupa nova do marido não se conteve e de mãos erguidas vociferou: "Jesus! Como pôde você fazer tamanha besteira"?!. Então o meu avô calmamente respondeu: "Por favor, cale a boca", e em seguida levou-o ao portão e mandou-o para casa.

Fiquei maravilhado e ao mesmo tempo orgulhoso pelo gesto magnânimo de meu querido e bondoso vovô Xandóca. Isto aconteceu em 1912, quando eu tinha apenas sete anos.

Museu Arquidiocesano Dom Joaquim: 10 anos

P. Raulino Reitz

A 3 de agosto passado o Museu Arquidiocesano Dom Joaquim, com sede na Praça de Azambuja, em Brusque, festejou seu décimo aniversário. Instalado em 3 de agosto de 1960, por ocasião dos festejos do 1.º Centenário de fundação da cidade de Brusque, teve o museu os primórdios no ano de 1932, quando a Família João Brandão doou a rica coleção de peças históricas e científicas de Joca Brandão ao Seminário de Azambuja para que este ministrasse educação de grau médio a um de seus filhos.



O Livro de Visitantes acusa o movimento seguinte, constando também o movimento de caixa dos ingressos pagos:

VISITANTES	Cr\$
1960 — 15.712	251,66
1961 — 7.843	113,84
1962 — 12.068	184,13
1963 — 9.229	345,15
1964 — 11.619	687,86
1965 — 10.838	1.781,28
1966 — 10.085	1.623,48
1967 — 12.345	2.773,75
1968 — 11.449	4.813,00
1969 — 10.359	3.846,40
<hr/> 111.547	<hr/> 16.420,55

Os visitantes ao museu, nestes 10 anos, foram em número de 111.547. Entraram em caixa Cr\$ 16.420,55. O número de peças é de 4.600 expostas em 3 andares do prédio velho do Seminário e Hospital de Azambuja, construído em 1907, em 25 salas e 4 salões.

O museu está organizado em 18 secções que cobrem a história a ciência e a arte. Desde o início teve assistência técnica do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (DEPHAN), na pessoa do Prof. Dr. Alfredo T. Rusins.

Por ocasião da celebração do 10º. aniversário foi o museu enriquecido em sua Sala de Armas com uma preciosa vitrina sôbre a EVO-LUÇÃO DA PISTOLA. Dez peças de grande valor histórico demonstram a evolução da pistola desde 1550 até os tipos sofisticados atuais. São apresentadas pistolas de rodete, de pederneira, de boca de sino, pepperbox, revólveres, parabelo e mauser.

O Museu A. Dom Joaquim não conta com nenhuma subvenção oficial ou particular. Vive e cresce unicamente com doações de amigos e dos ingressos cobrados na portaria. Seu slogan é: **ESPÊLHO DE SANTA CATARINA.**

Brusque, 26 de setembro de 1970.

ARMAS DE FOGO NO MUSEU DE AZAMBUJA, EM BRUSQUE

P. Raulino Reitz

I - PESQUISA HISTÓRICA

Em minha viagem ao redor do mundo aproveitei a oportunidade de estudar os diferentes tipos de armas de fogo, consultar obras raras sôbre o assunto e adquirir peças que enriqueceram sobretudo as vitrinas do Museu Dom Joaquim, em Azambuja, Brusque.

As primeiras armas de fogo eram pesadas, que evoluíram para o canhão. Surgiram na China em 618 A.C. Sómente 2.000 anos após, em 1.364 D.C., apareceram na Italia as primeiras armas leves (manuais).

1 - Armas de Fogo Pesadas - As primeiras armas de fogo com uso de pólvora, de que se tem notícia, foram usadas na Dinastia TANG-OFF, em 618 A.C., na China. Arremessavam balas pesadas para muito longe. Os antigos Persas denominavam o salitre "sal chinês" e os Árabes antigos de "neve chinêsa".

O "fogo grego" usado no cêrco de Constantinopla, em 668 D.C. por Calínico, era produzido por armas de fogo deflagradas com pólvora, atribuídas a um arquiteto de Heliópolis.

Os Tártaros sob Babu Chan usaram pela primeira vez na Europa armas de fogo na Batalha de Liegnitz, em 9 de abril de 1241, contra o exército silésio-polonês.

Bertoldo Schwarz, monge franciscano e alquimista alemão, um tempo tido como inventor da pólvora, talvez teve o mérito de na primeira metade do século XIV tornar conhecida na Europa a pólvora e adaptá-la para fins militares.

2 - Armas de Fogo Lévés (Manuais) - A primeira notícia que se tem de armas de fogo portáteis é de 1364, que diz terem sido fabricadas na cidade italiana de Perúcia 500 arcabuses (tubo de bronze com orifício para acender) do tamanho de um palmo, cujo tiro atravessava uma couraça de soldado. As armas portáteis inicialmente eram deflagradas com uma mecha (isca) acesa.

ESPINGARDA DE MECCHA - Inventou-se um pedaço de ferro curvo fixo do lado do ouvido da arma, que era rachado na ponta onde se fixava a mecha (pavio). Torcendo esta peça a mecha alcançava exatamente a panela do ouvido, onde deflagrava a pólvora. Aperfeiçoada esta peça evoluiu no cão. Este aperfeiçoamento teve lugar entre 1420-1440. O uso do arcabuz de mecha, com fecharia mais ou menos aperfeiçoada durou até cerca de 1650.

ESPINGARDA DE RODETE - Tem-se como inventor da espingarda de rodete João Kiefuss, de Nuernberg (Alemanha), no ano de 1517. Mas seu uso era comum de 1550-1600. Uma roda pequena (rodete, rodeta, rodinha) dentada em que se podia dar corda uma vez disparada por um gatilho girava raspando uma pedra de pirita (sulfureto de ferro) presa a um cão produzindo faíscas para acender a pólvora depositada na panela junto ao ouvido.

ESPINGARDA DE PEDERNEIRA - Após 1550 apareceu na Espanha a espingarda de pederneira. Uma pedra de fogo (silex) presa no cão por meio de um parafuso, quando aquêle desengatilhado, a pedra batia numa peça móvel de aço, saltando faíscas que acendiam a pólvora na panela do ouvido. O uso deste tipo de fecharia alcançou 1850.

BACAMARTE BÔCA DE SINO - O exército de Carlos V. em 1530, só usava espingardas, arcabuses ou bacamartes bôca de sino (ou bôca de trombeta "Tromblom" em alemão) que eram preferidos pela cavalaria, pois devido o tiro pouco certo de cima do cavalo, tinham melhor eficiência porque o chumbo se espalhava melhor. Em curta distância o bacamarte bôca de sino dava um tiro certo, sendo por isto também muito usado pelos comandantes de navios, pois era útil no caso de motim da maruja.

ESPINGARDA DE PERCUSSÃO DE ANTECARGA - Com a invenção de detonantes químicos mais ativos foi dado grande avanço nas armas de fogo. Em 1810 apareceu uma espingarda de percussão em que o galo batia no detonante descoberto e produzia ignição. Em 1827 N. Dreyse em Soemmelda, construiu uma fecharia onde o galo batendo numa agulha fazia deflagrar o detonante.

ESPINGARDA DE RETROCARGA - Com a invenção do cartucho e da espoleta a carga começou a ser feita pela culatra, o que foi um grande passo na evolução das cargas de fogo.

REVÓLVER - Já em 1600-1620 foi construída a primeira espingarda com tambor giratório, mas que era girado a mão. Era uma espingarda de mecha, mas facultava meia dúzia de tiros. Desta arma surgiram em 1640-1669, as pistolas com tambor de 4-6 tiros, preferidas pelos cavaleiros pois era-lhes problemático carregar cada vez uma espingarda simples, que então eram de perdeneira.

REVÓLVER PEPPERBOX - Esta arma era um revólver com tambor longo, sem o cano complementar. Os múltiplos furos do tambor que podiam alcançar até o número de 20 deram-lhe o nome pepperbox (pimenteira em inglês) porque se assemelhava a uma tampa de pimenteira devido seus múltiplos furos. O revólver pepperbox certamente evoluiu para a

pistola Colt, inventada por Samuél Colt, em 1835. Esta gira o tambor no desengatilhar, não sendo mais necessário girar o tambor com a mão. Em 1878 foi patenteado o **revólver Mauser** que girava automaticamente o tambor com o próprio tiro.

ARMAS DE FOGO DE PUNHO: PISTOLAS - São armas leves e curtas manuseadas com uma mão. Tiveram origem na Alemanha em 1530, sendo hoje conhecidas universalmente como pistolas, nome francês que predominou e passou para uso internacional. Existem pistolas pequenas (de bolso) e de tamanho normal. Passaram pelas mesmas evoluções da espingarda. Houve pistolas de mecha, de rodete, de pederneira, de antecarga, de retrocarga, de tambor (revólver).

II VOCABULÁRIO DAS ARMAS PORTÁTEIS

ESPINGARDA - Nome geral para arma de fogo de cano comprido.

ARCABUZ - Antiga arma de fogo de cano largo e curto, espécie de bacamarte (do Neerl. "haakbus").

BACAMARTE - Arma de fogo de cano curto e reforçada na coronha.

BACAMARTE BÔCA DE SINO - Traz cano alargado na frente em forma de sino ou trombeta

RIFLE - Espingarda de repetição curta.

WINCHESTER - Ficou famoso o rifle, ou espingarda de repetição, inventado por Olivério Fisher Winchester, que foi largamente usado na Guerra da Secessão Americana, em 1870. Trazia um depósito, com 14 cartuchos, debaixo do cano.

FUZIL - Nome originariamente usado para as espingardas em que o cão batia diretamente sobre o fulminante do cartucho, provocando a deflagração da pólvora. Usou-se desde 1840. Do latim popular "focile" peça de aço com que se tira fogo da pederneira, batendo-a. O cão substituiu aquela no nosso fuzil.

FUZIL MAUSER - Esta espingarda de repetição, com depósito inventado por P.P. von Mauser, em 1897, teve aceitação universal.

ARMAS DE FOGO DE PUNHO: PISTOLAS - Entende-se por armas de fogo de punho as que são disparadas com uma mão só e estendida contra objetivos próximos. São armas curtas e leves. Em 1530 apareceram na Alemanha as primeiras armas de fogo de punho aí denominadas "Faustgewher". Por 1656 receberam na França o nome de pistola, que passou para uso universal.

PISTOLA - Pequena arma de fogo, que se segura e dispara com uma só mão.

REVÓLVER - Arma de fogo portátil com várias culatras num cilindro giratório, podendo dar tantos tiros quantas cargas contém êste cilindro.

REVÓLVER PEPPERBOX - Revólver com tambor longo, sem cano complementar como no revólver comum.

PISTOLA MAUSER - Pistola automaticamente carregada pela culatra. Foi inventada pelo alemão Pedro Paulo von Mauser (1838 1914). Traz o depósito de cartuchos na coronha.

PARABELO - Pistola grande, reforçada, de grosso calibre, do tipo mauser, de uso limitado aos militares.

MOSQUETÃO - Fuzil-mauser pequeno, usado no Brasil pela cavalaria e artilharia.

III - SALA DE ARMAS

A Secção de armas do museu atrai especial atenção dos visitantes, especialmente do sexo masculino. Caçadores e militares têm ante seus olhos curiosos importantes coleções de armas brancas, como sabres e punhais, de munições, armas de fogo de todo o tipo, estribos, esporas, etc. São 140 armas ao todo.

Os mais variados tipos de armas de fogo acham-se representadas. Desde as mais antigas às mais modernas: espingardas de pederneira, arcabuzes, bacamartes, o famoso bacamarte boca de sino, rifles, winchesters, fuzilmausers, espingardas de caça e de tiro ao alvo. A coleção mais completa é de pistolas: de rodete, de pederneira, revólver, inclusive o raro revolver pepperbox, pistolas Colt., pistolas Smith & Wesson, pistola mauser, parabelo e muitos outros tipos.

Para variar a coleção é exibida uma metralhadora semi-potátil e um canhão de médio alcance da marinha. Sem dúvida a Secção de Armas valoriza sobremodo o nosso Museu.

IV - VITRINA HISTÓRICA

Em comemoração do 10º. Aniversário do Museu Arquidiocesano Dom Joaquim foi exposta em caráter permanente uma valiosa vitrina sobre a evolução da pistola, desde a sua invenção por volta de 1550 até os dias atuais. Vejamos a descrição das peças.

1. **Polvoreira.** com dispositivo para dar corda na pistola de rodete. Aquisição na "Waffen Baviera", em Munique, Alemanha.

2. **Pistola de rodete.** Fabricada em mais ou menos 1550, no sul da Alemanha. Proveniente de Munique onde foi adquirida na firma "Waffen Bavaria". É dos tipos de arma de fogo mais antigos.

3. **Bacamarte boca de sino.** De fabricação espanhola, em mais ou menos 1760. Na Guerra Napoleônica foi transportada para a França onde no século passado, recebeu fecharia nova.

4. **Pistola de pederneira, marca TOWER.** Calibre 17 mm. De uso comum na cavalaria. Tais pistolas faziam parte do armamento do Exército brasileiro de 1850-1860; portanto eram anteriores à Guerra do Paraguai (1865). Doação da Família Joca Brandão, em 1932.

5. **Pistola pepperbox.** Fabricação de 1845, com "ALLEN PATENT" É tida como precursora do revólver Colt norte-americano.

6. **Pistola Colt.** Calibre 44. Doação da 5ª. Região Militar.

7. **Revólver Smith & Wesson.** Doação da 5ª Região Militar.

8. **Parabelo Nr. 2737, calibre 44.** Doação da 5ª Região Militar

9. **Pistola Mauser, calibre 32** Doação da Polícia Militar do Estado de Santa Catarina.

10. **Pistola de morte aparente.** Serve para apanhar ladrões, sem ferilos. Tem três bocas em sentido vertical. Doação da Família Joca Brandão.

V - CONCLUSÃO

Revela este apanhado histórico o desenvolvimento, em 10 anos duma das 18 Secções do Museu. Não desiludimos nossos amigos que tão magnanimemente doam peças de valor histórico, científico ou artístico ao Museu. Nos 10 primeiros anos fomos honrados por 111.547 visitantes! Não temos subvenções oficiais ou particulares. Mas estamos crescendo.

Brusque, 27 de setembro de 1970.

BLUMENAU

E A SUA IMPRENSA

LXII

"A NAÇÃO"

A 29 de maio de 1943 apareceu o 1º. número de um novo periódico Blumenauense que se destacaria, não só pela sua atuação nas lides jornalísticas catarinenses, como pela sua duração que se estende até os nossos dias e promete, pela serenidade de suas atitudes, pelo equilíbrio de sua administração, acompanhar a vida do município pelos anos adiante.

"A Nação" fundada por Honorato Tomelin, apareceu no formato de 32,5 X 46,5 cm., com 6 páginas, como trissemanário. Publicava-se às terças, quintas e sábados, tendo sido a sua circulação aprovada pelo então DIP (Departamento de Imprensa e Propaganda), órgão criado pelo regime do sr. Getúlio Vargas. Possuía oficinas próprias, instaladas à rua 15 de novembro n.º 1.226. As assinaturas eram de Cr\$ 40,00 e 22,00, por ano e semestre, respectivamente.

Do artigo de apresentação: "Eis A Nação". As suas credenciais? A confiança que temos na missão que nos propomos realizar e, sobretudo, a certeza que nos anima de que seremos compreendidos".

Já em agosto seguinte, com a aquisição de uma linotipo, o novo jornal passou por outros melhoramentos e a 25 de novembro, dia de Santa Catarina, com uma edição especial inicia a sua publicação diária. Entretanto, as oficinas haviam sido transferidas para a rua Bom Retiro, sem número. As assinaturas passaram a ser de Cr\$ 60,00 e de 35,00, respectivamente.

Em março de 1944 altera o formato para 36,5 X 56 cm. e, em agosto do mesmo ano o periódico passa a integrar a rede dos Diários Associados, comandada por Assis Chateaubriand Alfredo Campos, então no cargo de Prefeito Municipal, é investido nas funções de Diretor-presidente da Empresa "A Nação", continuando Honorato Tomelin como diretor-gerente. Essa empresa passou alguns meses em organização, conforme consta do respectivo "expediente".

Com o número 314 e até o 337 passa para formato menor. Novas matrizes de linotipo começaram a ser usadas do número 404 em diante.

Sem maiores modificações técnicas e administrativas, atravessa todo o ano de 1945, até maio do ano seguinte. Ao completar 3 anos de existência, diminuiu de formato com o n.º 685, passando para 27,5 X 37 cm. Em nota, a direção justifica a medida: "visando a solucionar o nosso problema de deficiência técnica e material, até que se efetive o reaparelhamento das nossas oficinas e o reajustamento do nosso maquinário, este diário aparece hoje em formato menor. Esperamos dessa forma impedir que as nossas atividades sofram solução de continuidade...".

A alteração consistiu na montagem da rotoplana que o jornal havia adquirido do antigo "Der Urwaldsbote" e de duas novas linotipos adquiridas nos Estados Unidos. Nesse formato menor continuou sendo pu-

blicado até novembro de 1946. Daí por diante, até os dias atuais, vem aparecendo em grande formato, 44 X 71 cm., do desaparecido "Der Urwaldsbote". Em janeiro de 1947, a administração do jornal foi transferida da rua 15 de Novembro, 642 (prédio já demolido do Banco Inco) para a rua São Paulo, onde já estavam instaladas a redação e as oficinas.

Em janeiro de 1947, deixam a presidência e a gerência, respectivamente os senhores Alfredo Campos e Honorato Tomelim, sendo substituídos pelos senhores Edmundo Monteiro, na presidência e Rinaldo Feltrin na gerência. Passa a figurar como diretor de redação o senhor Hernani Pôrto. De junho de 1947 permanece no cabeçalho, apenas, o nome de Edmundo Monteiro. Rinaldo Feltrin deixa a gerência, substituído por Adelino Cunha. Otto Wille figura como corretor de anúncios. Em setembro e novembro de 1947, respectivamente, Edmundo Monteiro e Hernani Pôrto deixam os cargos que vinham ocupando. Entram para a gerência Jurandir Ferreira Neto e para a redação Maurício Xavier.

Já em junho de 1949 figuram como Diretor de Redação J. Simões Santos e como secretário Maurício Xavier. Este, em julho de 1950, passa a ocupar o cargo de diretor-gerente. J. Simões Santos continua na redação até abril de 1952. Em outubro deste mesmo ano é admitido como redator Raul de Oliveira Fagundes. Com o número 284, de maio de 1953, passa a figurar sob o título "A Nação", o sub-título "O mensageiro das selvas". Esse fato se deve à circunstância de desejar a direção dos "Diários Associados" manter a tradição do velho paladino da imprensa blumenauense, de que aqueles haviam adquirido a impressora, e cujo título "Der Urwaldsbote" tinha aquela significação. Esse sub-título permaneceu até agosto de 1967 quando foi mudado para o de "O mensageiro do Vale" que conserva até hoje.

Em junho de 1960 modifica-se a administração. Maurício Xavier continua na direção geral, Raul Fagundes na direção, Sady Miguel Rataichski e Américo Xavier como redatores e Aurélio Onildo Sada como diretor esportivo.

Em outubro, entra para a direção da redação o experimentado jornalista Frederico Carlos Allende, deixando o posto Raul Fagundes. Maria de Loudes Silva passa a figurar como gerente. Em fevereiro de 1961, deixa a redação Sady Miguel. Em setembro do ano seguinte, também Frederico Allende se exonera, sendo substituído, em novembro, pelo sr. L. Silva Jardim.

Em Fevereiro de 1965, tendo adquirido prédio apropriado à rua 7 de setembro, a "A Nação" começou a transferir para êle as suas oficinas, depois de terem estas ocupado, por mais de 20 anos, o velho prédio da rua São Paulo, em Itoupava Sêca.

O desmonte e a remontagem da maquinaria durou algum tempo. Por isso o jornal deixou de circular de 10 a 14 daquele mês até que pudessem ser ultimadas as providências para imprimi-lo nas oficinas dos "Diários Associados", de Joinville pelo período necessário à conclusão das novas instalações. O número 187 aparece impresso em Joinville, em formato um pouco menor e assim continuou até que, a 30 de março, volta a circular no formato antigo e impresso no novo local.

Tendo Maurício Xavier na direção geral, Maria de Lourdes Silva na gerência, Américo Xavier na direção técnica e L. Silva Jardim na redação geral, "A Nação" continua a sua vitoriosa trajetória, prestando inestimáveis serviços à comunidade blumenauense e honrando, dentro de uma orientação imparcial, sensata, altamente patriótica, a imprensa catarinense de que se fêz um destemido paladino.

LXII

"NOSSO JORNAL"

Pelos meados de 1943, alunos do Colégio Normal Pedro II fundaram um jornalzinho a que deram o título de "Nosso Jornal". Era seu diretor Jan Rabe, em companhia de vários outros moços como redatores. Infelizmente não nos foi possível, até aqui, localizar nenhum exemplar de algumas das edições. Sabemos que apareceu por pouco tempo, não tendo sido editados senão 8 ou 10 números.

LXIV

"ROTARY CLUBE DE BLUMENAU"

(Boletim mensal)

O Rotary Clube de Blumenau foi fundado a 7 de outubro de 1943. Já no ano seguinte, em setembro e quando sob a presidência de Alfredo Campos, passou a publicar um Boletim Mensal com o título acima. Formato 21,5 X 29 cm, com 4 e mais páginas abertas em duas colunas. O primeiro número, com 8 páginas traz, entre outras, as seguintes razões para o seu aparecimento: "Até agora existíamos praticamente ignorados de todos. Faltava-nos um meio de veicular as nossas atividades, de levar ao conhecimento dos outros R.C. não só o fato da nossa existência senão também como vivíamos, de que modo íamos dando conta das nossas obrigações e cumprindo os deveres que nos são impostos. Este é, precisamente, o objetivo do Boletim...".

E alcançou de maneira brilhante esse objetivo. Durante 18 anos seguidos, apareceu semanalmente, muito bem impresso, com matéria muito variada, pois, além do noticiário relacionado com as atividades do Clube, com as suas finalidades, trazia sempre a íntegra das palestras proferidas em reunião pelos sócios sobre os mais diversos e interessantes assuntos. A coleção desse periódico, dos seus 18 anos de existência, constituiu-se num repositório de conhecimentos úteis, digno de ser conservado. Registra palestras muito instrutivas, versando problemas variados, algumas cujos autores demonstram aprimorada cultura e profundos conhecimentos dos temas abordados.

Além disso, ela se constitui num registro muito eloquente das atividades rotarianas em Blumenau, dos inumeráveis e exelentes serviços prestados à coletividade blumenauense e forma, assim, um verdadeiro histórico da existência do Rotary Clube de Blumenau desde a sua fundação até 1962. É pena que motivos superiores tenham determinado a cessação da publicação de tão útil periódico. Mas o Rotary ainda continua atuante e servicial e é possível que volte o seu Boletim a prestar, não só aos rotarianos, mas a toda a população, os extraordinários serviços que prestou. Nesse sentido fazemos um apêlo à atual Diretoria.

Estante dos "Cadernos"

(Literatura Catarinense)

"MARCELINO ANTÔNIO DUTRA", Iaponan Soares. 94 páginas, formato 14,5 X 28,5 cm. Livraria Sulina Editôra, Pôrto Alegre, 1970.- Publicado sob os auspícios da Academia Catarinense de Letras e da Universidade para o Desenvolvimento de Santa Catarina. - Por ocasião da recente visita de escritores catarinenses a Pôrto Alegre, o livro de Iaponan Soares foi lançado naquela capital, em solenidade que contou com a presença de expressivas figuras da intelectualidade gaúcha. O autor mereceu, realmente, essa distinção, pois o livro é de grande interêsse para os estudiosos das letras catarinenses. O nosso "Poeta do Brejo" é focalizado com muita propriedade e a sua obra analisada com carinho e objetividade. A carreira poética de Marcelino Antônio Dutra tem aspectos originais que Iaponan investigou e nos apresnta em estilo dos mais atraentes.

Trata-se de um trabalho sério, instrutivo. Iaponan revela-se nele um escritor seguro e um crítico sereno e arguto, apresentando-nos facetas apreciáveis dos seus já reconhecidos méritos intelectuais. Agradecendo o exemplar com que o autor nos presenteou, apresentamos ao Iaponan os nossos parabéns pelo belo trabalho com que se destaca no panorama das letras bar-rigas-verdes.

"CASSIANO RICARDO, O PROSADOR E O POETA"- Nereu Corrêa. Edição do Conselho Estadual de Cultura da Secretaria de Educação e Cultura de São Paulo. 95 páginas. Vol. 71 da "Coleção Ensaio", do Conselho Estadual de Cultura do Estado bandeirante.- Incontestavelmente, Nereu Correa é um dos mais brilhantes expoentes das letras nacionais. Prosador de grandes recursos, senhor de um estilo admirável, leve, de um verdadeiro burilador do idioma, Nereu Corrêa já nos tem dado diversos trabalhos com os quais se tem afirmado como um dos melhores escritores contemporâneos. "Cassiano Ricardo, o prosador e o poeta", com que êle enriquece, agora, a sua já preciosa e grande bagagem literária, é um trabalho que se lê com prazer e proveito, ao mesmo tempo que se vai acompanhando, com crescente interêsse, o autor na análise da obra do "príncipe dos poetas brasileiros", há meses falecido. É uma obra de mestre na qual não se sabe o que mais louvar: se a beleza e a correção da linguagem, se a propriedade e a segurança com que Nereu Corrêa nos mostra os vários e interessantes aspectos da poesia e da prosa do grande vate paulistano.

Somos muito gratos a Nereu Corrêa pelo exemplar que nos mandou e pela gentil dedicatória que lhe apôs, muito honrosa e que bem traduz a elegância moral e o brilho intelectual do autor de "Temas do nosso Tempo" e de muitos outros trabalhos já consagrados pela crítica.

"DO SONHO À MISÉRIA E À MORTE" - Altino Flôres - 42 páginas em multilit - Edição da Universidade para o Desenvolvimento de Santa Catarina - Florianópolis, 1970 - "Conhecido mais pela sua atuação no campo da crítica e da historiografia literária, Altino Flôres é um espírito laborioso, dotado de profunda inquietação intelectual. Homem de Imprensa, polemista, teatrólogo, ficcionista, em tôdas atividades por onde trilhou tem dei-

xado marcas irremovíveis do seu talento e da sua capacidade criadora". Assim começa Iaponan Soares o perfil de Altino Flôres traçado na apresentação, em livro, da conferência pelo último pronunciada na reunião de 5 de outubro de 1970, da Academia Catarinense de Letras. E di-lo com muita propriedade e justiça porque, realmente, Altino Flôres é, dentre os beletristas catarinenses, daqueles que se destacam pelo seu estilo harmonioso e leve, pela correção de linguagem e, sobretudo, pelo amor à verdade, pela sinceridade de propósitos. O presente trabalho de Altino Flôres trata da vida de Antero dos Reis Dutra, filho natural de Marcelino Antônio Dutra e, como êste, bom poeta. Mas, um poeta que provou, como poucos, as amarguras da vida. Altino Flôres retrata-o com comovido carinho, com apertos de coração, como se estivesse acompanhando, penalizado, o pobre sonhador pelos ásperos caminhos que percorreu, pontilhados de sofrimentos, de lágrimas e de desilusões. Não é de admirar que ao ler o seu trabalho na Academia, Altino Flôres, por mais de um instante, sentiu embargada a voz pela comoção e fêz lágrimas assomarem aos olhos dos acadêmicos presentes, comovidos e atentos. É um trabalho merecedor de leitura cuidadosa pela magia do estilo, pelo magnífico conteúdo e pela fiel obediência às regras da sintaxe. Um livro que encanta, comove e instrui. Parabéns a Altino Flôres e às letras catarinenses.

O Historiador e o Poeta

Alfredo CAMPOS

Não tivemos, infelizmente, o prazer de assistir à posse do historiador José Ferreira da Silva na Academia de Letras de Santa Catarina.

Faltou-nos, como a muitos outros, um convite para a solenidade daquele ato, que se constituiu, sem favor algum, em que pese a reconhecida modestia do homenageado, no incontestado reconhecimento de uma das mais altas expressões da intelectualidade catarinense.

E o pesar nosso ainda mais se avulta e acentua, quando, de antemão, sabíamos que o nôvo imortal, certo de que "nenhuma ocasião se lhe apresentaria mais feliz para exaltar a obra e dignificar o nome de Octaviano Ramos", o sublime vate josefense, iria, num preito de serena justiça, tornar mais conhecida a obra poética do admirável autor de "Velando Um Bêrço", "Sombra e Silêncio", "Predestinado", "Miriam", "Vigília" e tantas outras jóias de raro e inestimável valor, nas quais, dando largas à sua "grande sensibilidade artística", punha à mostra as belezas infinitas do seu sublimado mundo interior.

Do seu mundo interior, sim, porque Octaviano — mente acrisolada, de astral fulgor — foi a personificação da pureza e cuja alma, na realidade, constituía "uma estância de infinita calma, aureolada de místico esplendor" e "que só mesmo almas afinadas pelo mesmo diapasão de sensibilidade saberiam interpretar e compreender".

Historiador e poeta, ambos com pensamentos ricos de luz, voltados às paragens azuis onde se incrustam as estrêlas, sempre se compreenderam e se afinaram pelo mesmo diapasão de sensibilidade artística.

Um, trasladando para o papel as belezas sem par do seu estro poético, eis, que “as emoções não se lhe encruavam dentro dalma”; outro, arrancando à poeira destruidora do tempo fragmentos de histórias da nossa História, para oferecê-los, como dádivas preciosas, aos ansiosos de saber, à posteridade estudiosa não só em avulsos sem conta, como, ainda, nesse admirável “BLUMENAU EM CADERNOS”, empreendimento de tenacidade e coragem, de amor profundo aos homens e às cousas de Blumenau e, porque não dizê-lo, de Santa Catarina e do Brasil.

À Biblioteca Pública Municipal e à Casa Dr. Blumenau, obras inteiramente suas e que, para êle, se traduzem num misto de ternura, de anseio e de esperança, quanto de dedicação e carinho não lhes empresta o historiador, no labor solícito, espontâneo e constante de cada dia?

Ali, em plena atividade, na quietude da Bibliotéca — templo de saber — ou na Casa Dr. Blumenau — relicário venerando de recordações — não sabemos o que mais lhe admirar: se o amor pelos livros, pelas flôres, pelos pássaros, pelas relíquias ciosamente guardadas, ou finalmente, se pelas vetustas e centenárias árvores que circundam aquele “seu” pequenino e encantado mundo, onde, fugindo a olhos profanos, deixa a descoberta a simplicidade do seu feitio, a “humanidade dos seus ideais, a grandeza da sua fé e a fôrça do seu civismo”.

Aliás, o historiador sempre foi assim. Dedicado aos estudos, tenaz, brilhante.

Desde quando mesmo, “de calças curtas e cabelos emplastrados de brilhantina”, ainda na penumbra dos seus sonhos imprecisos, embora não cantasse madrigais à sua Dulcinéa da Rua Tiradentes, aos acordes do seu mágico “violino”, todavia, as emoções também não se lhe “encruavam dentro dalma”, porque, já possuidor de um estilo próprio e escorreito, as traduzia em contos primorosos, magníficos, de esplendente e fértil imaginação.

Exaltando-lhe, pois, a patriótica e admirável ação que, por muitos anos, vem desenvolvendo no seio da comuna blumenauense; enaltecendo-lhe o mérito incontestável de homem de letras: fazendo-lhe justiça às excel-sas virtude, de coração e de caráter, a par do nosso agradecimento pela nobreza do seu gesto, revivendo a “magnífica atividade literária de Octaviano, tanto mais profunda quanto mais a repassamos”, rendemos a nossa mais sincera e comovida homenagem ao historiador de Blumenau ao novel membro da Academia Catarinense de Letras.

Que os homens da atualidade compreendam a grandeza do esforço e do trabalho de José Ferreira da Silva e a posteridade se curve, agradecida, ante à magnificiência da sua obra, duradoura, imperecível.

(Transcrito do “Lume”, N.º. 1030 de 07/10/1970.)

Transformação étnica e social do imigrante e da língua alemã em Santa Catarina

Estudo sôbre o nivelamento e adaptação ao novo "way of life"

Carlos Ficker

Com a chegada, em 1851, dos imigrantes para a nova Colônia Dona Francisca, aportaram inúmeros representantes de profissões de todos os níveis sociais.

Chegaram ao núcleo colonial dois agrimensores, dois médicos, um bacharel em Direito, dois estudantes de Teologia, um professor de escola, cinco economistas, um engenheiro, um veterinário, um arquiteto, dois "boticários", oito oficiais, seis comerciantes, 6 carpinteiros, um litógrafo, dois jardineiros, além de lavradores e trabalhadores rurais. Assim, na Colônia Dona Francisca, no primeiro ano da sua existência, entrou um total de 389 pessoas, representando níveis sociais muito heterogêneos, que sofriam a ação niveladora das novas condições às quais tinham de ajustar-se.

Socialmente diferenciados já pela diferenciação profissional, os imigrantes entraram na luta pela sobrevivência o que exigia um máximo de ajustamento e de subordinação às leis do local em que foram estabelecidos.

Embora êsses grupos de imigrantes fôssem representados por elementos desintegrados, à procura de uma nova Pátria, diferem profundamente os intelectuais, que se sobrepuseram ao elemento agrícola e rústico. O tra-



Colonistenwohnung zu Dona Francisca in Brasilien.

dicionat prestígio social de que gozavam no seu país de origem, perdeu-se com o empobrecimento econômico. Por outro lado, a maioria dos imigrantes vinha de classes sociais arruinadas e proletarizadas e havia sido, na Alemanha e Suíça, pequenos lavradores e proletários rurais. Para estes elementos a aquisição de uma propriedade na colônia significava uma valorização do seu status social. Ao mesmo tempo a revelação de qualidades pessoais, resistência física e competência de trabalho prático da lavoura, favorecia um nivelamento social pois os imigrantes que traziam dinheiro e capital, frequentemente o perdiam por falta de experiência na aplicação em condições novas.

Na primeira fase de colonização, a construção da habitação tinha de ajustar-se às possibilidades da região. À medida que o trabalho rural, o desmatamento e preparo da roça absorvia as forças do novo imigrante, estabeleceram-se contatos com a população cabocla e muitos elementos da cultura originária chegaram a ser aproveitados no trabalho braçal e na construção das primeiras casas na mata virgem. É claro que tinha semelhança do primeiro rancho construída pelo colono, com a casa do caboclo, pois o material de construção é o tirou, como o brasileiro, da mata virgem. Os ranchos consistem em quatro postes que sustentam um telhado de fôlhas de palmeira. Os currais para porcos e gado também são feitos, como entre os caboclos, com varas de bambú ou palmito, ou estacas fincadas de modo a oferecer proteção contra a chuva. O interior da "casa" é dividido em dois ou três cômodos. Um deles é a cozinha e sala de estar onde há um fogão aberto. Simples abertura sem vidraças, mas fecháveis, servem para a ventilação. A choupana é feita rústicamente e o chão batido substitui o assoalho. Postas numa paisagem da Alemanha ou Suíça, essas construções chamariam a atenção pelo seu acentuado estado de pobreza e exotismo.

As diferenças da construção puramente cabocla, aparecem mais tarde, quando o colono alcança outra fase de desenvolvimento econômico que lhe permita a utilização de experiências e tradições da sua cultura anterior. Então a cabana primitiva cede a uma habitação mais confortável. O material de construção para casa e rancho são tábuas cortadas na serraria. Esta é agora uma casa de madeira bem feita e construída sobre pilares. A área é retangular e de 30 a 40 metros quadrados, o chão é assoalhado. O telhado é puxado para trás, cobrindo geralmente a cozinha. A chaminé do fogão construído de tijolos é levantada no lado de fora da cozinha.

Somente na terceira fase a casa do colono constituiu uma combinação original de traços importados e adotados, acrescidos de elementos novos. A casa de tijolos com madeiramento à mostra, tipo enxaimel, com telhado puxado para a frente para cobrir uma varanda, janelas com vidraças e chão assoalhado. A casa de madeira antiga continua, não raro, ao lado da construção mais recente e serve de cozinha ou paiol.

Como a habitação se modificou, também a alimentação nas áreas rurais da Colônia Dona Francisca dependia do que os próprios imigrantes produzissem em suas terras. Os padrões alimentares da cultura originária como batatinhas, hortaliças, massas de farinha de trigo, carnes defumadas, pão de centeio etc. foram substituídos radicalmente pela carne seca, pela mandioca, pelo feijão preto e apim pelo cará e pão de milho. A brusca mudança nos padrões alimentares, influiu desfavoravelmente sobre o estado de saúde dos imigrantes. Os alimentos que inicialmente podiam ser adquiridos na venda

mantida pela Sociedade Colonizadora, na Colônia Dona Francisca, não podiam deixar de repercutir sobre organismos já enfraquecidos pelas longas viagens marítimas cheias de privações. Possuímos a descrição um tanto pitoresca no "Gedenkbuch" de Entres: "Plauderiem eines alten Blumenauer Kolonisten", em que o autor conta as observações feitas na única venda de Blumenau. "Lá se vê uma barrica cheia de toucinho de Santos, chamado assim porque veio de Santos. Na tampa colocou-se um pêso provavelmente porque, ao contrário, os bichos levariam o toucinho. Num canto, jogado ao chão, havia um fardo de carne sêca, coberto inteiramente de uma espessa camada de bolor avermelhado e sujeira. A carne se assemelha ao toucinho quanto ao cheiro. Entre o toucinho e a carne sêca há alguns sacos do feijão carcomido por vermes . . . havia sal, mas sal grosso e sujo do mar e viam-se ainda alguns sacos de farinha de mandioca".

Açúcar, farinha de trigo, arroz, batatinhas, linguiça e laticínios era. considerados artigos de luxo que raramente estavam à venda, somente quando um navio imigratório, de Hamburgo, entrava no Pôrto de São Francisco.

Não admira que em vista de tamanhas dificuldades de alimentação, a predisposição dos organismos depauperados para uma série de doenças fôsse relativamente elevada tanto mais que o médico e "boticário" que faziam parte do quadro de funcionários da Sociedade Colonizadora, eram quase inexperientes frente a doenças tropicais.

Constatou o médico Dr. W. Moeller, entre os colonos, numerosos casos de doenças decorrentes da alimentação imprópria, casos de anemia, moléstias de coração, tumores no braço, feridas nas pernas, inflamações granuladas dos olhos e moléstias tifosas. Além do Dr. Moeller, cujo relatório ainda hoje existe, havia ainda, em São Francisco do Sul, um médico francês, Dr. Edouard Dyrôle, há mais de dez anos radicado nesta cidade. Era médico da fracassada colônia falanstéria do Sahy. Prestou o Dr. Dyrôle valiosos serviços aos primeiros imigrantes da Dona Francisca. Intitulava-se "Doutor em Medicina" e era conhecido por "Dr. Deiró". A 27 de Janeiro de 1844, a Câmara de São Francisco tomou conhecimento de uma petição de um denunciante e mandou chamar o Dr. Dyrôle afim de apresentar o seu título de Doutor em Medicina. Declarou êste "que não era Doutor em medicina e sim em ciências, e que disse possuía título e por êsse fato se assinava Doutor". A câmara tomou conhecimento do fato e Dr. Dyrôle continuou a exercer a medicina e gozava do melhor conceito.

Na Colônia Dona Francisca a mortalidade era, nos primeiros tempos, elevadíssima. As dificuldades de aclimação, as erupções cutâneas e tumores nos pés e nas mãos que, às vêzes, duravam vários meses, invalidando os imigrantes, são tanto mais graves quanto pior a alimentação.

Após uma fase de desorganização social, os imigrantes resolveram as dificuldades que lhes vinham principalmente da situação nova. Os elementos sofreram mudanças mais ou menos profundas.

Diante do que acaba de ser exposto, já não parece haver dúvida quanto á transformação do imigrante em poucos anos e uma adaptação brusca ao novo ambiente colonial. As atitudes aprendidas tornavam-se até um problema para os imigrantes novos que julgavam encontrar "patricios" no Brasil. Mas a distância cultural entre os novos e os imigrantes velhos já radicados, suscitou uma série de choques culturais incompreensíveis para o recém-imigrado.

REMINISCÊNCIAS

H. P. Zimmermann.

Em artigos anteriores, publicados em "BLUMENAU EM CADERNOS", referi-me a duas grandes casas comerciais em Gaspar, de muitos anos atrás. Naquela época havia, porém, na minha cidadezinha, mais outras casas comerciais de menores proporções, com uma freguesia diferente das outras, já citada anteriormente. Eram chamadas de "vendas" e o seu estoque de mercadorias era diferente do das outras. Não vendiam a prazo, como as casas comerciais que adquiriam os produtos da lavoura para exportá-los, contudo tinham uma freguesia regular, alguns "de caderno", que pagavam cada fim de mês o que compravam. Nelas, a maioria dos trabalhadores assalariados abastecia-se de tudo que necessitava em suas casas. Vendiam de tudo o que se possa imaginar e vendiam tudo em pequenas quantidades, de acôrdo com as posses e as necessidades dos freguêses. Era frequente, um freguês pedir dois vinténs de sal, uma pataca de fumo em corda, um vintém de herva doce, um cruzado de carne sêca, uma garrafa de querosene, um tostão de vinagre, uma pataca de bombons e assim por diante, vendiam, também, tecidos de algodão, especialmente os destinados às confecções de roupas para trabalho, para homens e para mulheres, vendiam pequenas bugigangas e "missangas", como eram conhecidos então os enfeites de vidrilho anéis e broches de latão polido e outros enfeites de fantasia. Naturalmente, nelas não faltavam a boa cachaça fabricada nos alam-

biques dos engenhos de açúcar de Gaspar, o vinho tinto barato, o vinho de laranja e de carambola e outras bebidas comuns. Uma destas casas era especializada em servir a seus freguêses cachaça composta comervas diferentes, como por exemplo, com losna, com aniz, com noz moscada ou com cascas de raízes diversas. Atribuíam a estas infusões propriedades medicinais e os freguêses pediam a bebida para "curar" uma dor de estômago, um má estar intestinal, uma dor de cabeça ou dor muscular e para muitos outros fins medicinais. Como se vê, os analgésicos que hoje se vendem em quantidade, naquêles tempos não tinham vez, ou melhor, nem eram conhecidos e só os farmacêuticos vendiam poções com efeito analgésico. Era pitoresco ver-se a freguesia destas vendas pedir estas bebidas, porque o fazia acompanhado de gestos e contrações faciais que reforçavam as suas afirmativas de sofrerem das mais diferentes dores e males físicos. Os observadores de má lingua costumavam dizer, quando viam um personagem dirigir-se à venda, "Fulano certamente está com dôr de barriga, por isto vai tomar alguma coisa . . ."

Nós, os guris, gostávamos de entrar em determinada "venda" que por um motivo todo especial nos atraía constantemente. Naquêles tempos, o movimento destes estabelecimentos comerciais não era muito grande e acontecia, que horas a fio ninguém nêles entrava. Assim, os seus donos não achavam necessário ficar a dia todo

atrás do balcão. Ocupavam-se com outros afazeres no interior da casa ou no quintal, que geralmente ficava atrás ou ao lado dela. De que ladrões pudessem entrar nelas, ninguém imaginava nem de longe, pois naqueles tempos esta classe obscura, em Gaspar era muito rara e até mesmo desconhecida e se uma vez ou outra desaparecia algum objeto numa casa, não demorava encontrar-se quem o havia furtado, porque a "imprensa falada" naquela época funcionava melhor do que hoje, na era do rádio e da TV. Por isso tudo, mesmo aqueles que tinham vontade de levar algum objeto de uma casa, pensavam mil vezes antes de fazê-lo, sabendo, que seria difícil ocultá-lo aos olhos dos vizinhos. Os poucos ladrões que naquêlo tempo havia em nossa pequena localidade, restringiam-se a levar "por descuido", altas horas da noite, uma galinha do galinheiro de uma propriedade conhecida, ou algum leitãozinho. Assim mesmo temiam sempre o cão de guarda, que a maioria das casas tinha, ou de levar pelas costas "um tiro de sal grosso", que não matava, mas, conforme se dizia, era muito difícil de curar.

Falava eu, porém, da casa comercial que exercia grande atração sôbre a gurizada. Seu dono homem precavido e dotado de alto senso de proteção própria, instalou em sua casa comercial uma campainha de alarma, das que funcionavam com pilhas galvânicas. Estava ela ligada às tábuas do assoalho, logo à entrada da venda. Quando nelas se pisava a campainha fazia-se ouvir e o dono da casa vinha atender o possível freguês. Não perdíamos ocasião de fazer funcionar o interessante engenho, mas sempre isto

nos custava alguns vinténs, gastos na compra de bombons ou outra gulozeima. Como nossos vinténs andavam escassos, normalmente dividíamos a despesa... mas era tanto o prazer de fazer a campainha funcionar, que quase diariamente voltávamos à venda. O negociante logo percebeu o motivo pelo qual tanto entrávamos em sua casa. Bonachão, que era, disse que não havia necessidade, de cada vez que entrássemos, comprarmos balas, que poderíamos ficar à vontade. Não era, porém, só a campainha que nos atraía, era também a variedade de bugigangas que estavam expostas nos balcões com mostra de vidro. Ali podiam se ver canetas de metal, lapiseiras bonitas, apontadores de lapis, penas de escrever de várias formas, cadernos coloridos, espelinhos, carteirinhas e uma série de outros artigos de muita aparência, mas de muito má qualidade. Os preços eram condizentes à qualidade: quase tudo custava um cruzado ou alguns tostões...

Havia, finalmente, o negociante especializado na venda de cachaça, de peixe sêco e de louça de barro.

Sua vendinha não era muito atrativa, devido ao cheiro forte que suas mercadorias exalavam, mas era bem frequentada por uma freguesia que apreciava tais artigos, especialmente o peixe sêco, que vinha de Itajaí, de Camboriú e de Tijucas e que variava em tipo, conforme a época do ano. E tudo era muito barato, tão barato, que hoje não se pode fazer comparaçãe de preços nem de moedas. Havia gente pobre, que comprava sal açúcar e café, gastando apenas

quinhentos reis; outros compravam carne seca ou peixe, mais farinha de mandioca e gastavam pouco mais de um mil reis.

Os valores da moeda, nas suas diferentes classificações, como sejam vinténs, dois vinténs, de cobre, um tostão ou duzentos reis de níquel, etc., hoje já não existem mais. Comparando estas moedas com as que hoje circulam dificilmente se pode estabelecer um valor correspondente, mas com elas podia-se comprar muita coisa. Mas, como tudo era relativo, também os salários correspondiam aos preços das mercadorias. Um operário ou assalariado rural, ganhava quatrocentos reis por dia, quando era bom trabalhador; senão ganhava menos. Todos, porém, viviam satisfeitos e ganhavam o suficiente para viver e para se divertir. Ninguém pensava em fazer greve ou revol-

tar-se contra o patrão, porque o tratamento que recebiam destes era humano e compreensivo. Sabiam que se ocorresse alguma necessidade maior, o patrão os socorreria.

Assim, minha terrinha natal naqueles tempos vivia em paz e em harmonia, tão bem, que muitos que conheceram aqueles tempos, dêles tem saudades. Dizem que naqueles tempos mais do que hoje, havia mais calor humano, mais amizade e mais compreensão entre os homens. Não se falava em guerras, em sequestros, em raptos ou assuntos semelhantes como hoje ocorre. Teriam mudado os tempos, ou foram os homens, seus costumes e seu modo de pensar, que mudaram? Os sociólogos que respondam, porque são êles os analizadores por excelência, da sociedade humana e de suas tendências e modos de viver.

UMA CRÔNICA INTERESSANTE

A senhora Margarete Pelz, de Berlin, endereçou ao Cônsul da Alemanha nesta cidade, uma carta na qual incluiu a transcrição de um trecho do livro "Geschichten aus dem Harz", de Fritz Nötzold, que diz respeito a Blumenau. Por ser fato pouco conhecido o referido na crônica transcrita, vamos traduzir essa crônica para os nossos leitores, agradecendo ao sr. Cônsul Joseph Lindig a gentileza com que nos cedeu a cópia que lhe foi remetida. A crônica tem por título "Die Gedenktafel".

"A PLACA COMEMORATIVA" - (Extraído das atas da câmara municipal de Hasselfelde/Harz.) Por volta do começo do século, um vereador fez uma proposição no sentido de levantar uma placa comemorativa em homenagem ao célebre filho da cidade, Dr. Hermann Blumenau, nascido em Hasselfelde.

Como pioneiro da colonização, êle prestara grandes serviços. Blumenau, uma cidade florescente, no Brasil traz o seu nome, honrando assim a sua memória. A pequena cidade do Harz pode, assim, orgulhar-se do seu filho.

O Vereador sugeria que a placa fôsse colocada na casa em que nascera o Dr. Blumenau. A proposta foi aprovada, estando todos de acôrdo.

O escrivão municipal foi encarregado de escrever para Hsenburger e Tanner-Hütte, para pedir orçamento. Mas nada resultou. A placa ficaria muito cara.

Porém o vereador não desistiu. Depois de meio ano, em uma reunião, êle tirou do bolso uma carta, com selos multicoloridos no envelope. Todos já a conheciam, pois essa carta, há pouco, havia chegado do estrangeiro e todos já a tinham tido nas mãos, visto como carteiro já a andara mostrando por tôda parte.

Um comerciante de café do longínquo país, da cidade que trazia o nome do ilustre filho da nossa cidadezinha do Harz, tinha-lhe escrito. O missivista agradecia a carta do Vereador da velha pátria do fundador da colônia e juntava uma ordem de pagamento de determinada soma, parte da qual seria destinada para a confecção da placa. Representava mais que a metade do preço que a placa custaria. Foi então concedida a soma restante e a placa foi encomendada em Tanne. Depois de 14 dias estava pronta. Inscrição: "NESTA CASA NASCEU EM 29.12.1819 O GRANDE FILHO DA NOSSA CIDADE HERMANN BLUMENAU".

Então alguém perguntou: "Quando iremos colocá-la?". "Já amanhã", respondeu o outro. Foi aprovada a proposta. Então o alfaiate H. soltou a pergunta: "Mas em que casa êle veio ao mundo? A indagação caiu como um raio. Ninguém havia pensado nisso. Ninguém sabia onde era. Então alguém teve a idéia de que se dirigissem ao velho Fessel, que se encontrava ali próximo, numa ferraria. Êle era o morador mais antigo. Foram procurá-lo e explicaram-lhe a razão. Depois de pensar uns momentos êle lembrou-se: "Sim. O seu pai fôra bom amigo do grande homem e contara muita coisa a seu respeito para ele e para os seus irmãos. Êle nascera ali pela esquina numa casa que, por volta da década de oitenta fôra destruída por um incêndio. Situava-se essa casa mesmo ali, num terreno baldio, onde os carroceiros do Harz deixavam as suas carroças quando permanciam de noite na cidade. O fato pôde ser confirmado pelos anais da cidade.

Não se falou mais da placa comemorativa. Foi atirada no porão da Câmara e por ali ficou até que, durante a guerra, quando andou-se recolhendo ferro velho, desapareceu juntamente com outros objetos.

Mas para honra da cidadezinha, deve-se entretanto dizer, que alguns anos mais tarde, o seu grande filho recebeu a devida consagração. Um belo bloco de granito, com placa em alto relevo e uma digna e merecida inscrição, glorificam-lhe a memória".

— BLUMENAU EM CADERNOS —

Fundação e direção de J. Ferreira da Silva

Órgão destinado ao Estudo e Divulgação da História de Santa Catarina

— Assinaturas: por Tomo (12 números) Cr\$ 6.00 —

Caixa Postal, 425 — BLUMENAU — Santa Catarina - Brasil

CREMER S/A. PRODUTOS TÊXTEIS
E
CIRÚRGICOS

BLUMENAU - RUA IGUAÇÚ, 291/362 - SANTA CATARINA

CAIXA POSTAL, 953 — FONE, 22-1066

GAZES E ATADURAS MEDICINAIS

ATADURAS GESSADAS

ALGODÃO HIDRÓFILO

FRALDAS PARA BEBÊS

FAIXAS HIGIÊNICAS PARA SENHORAS

ARTIGOS DE PRIMEIRA QUALIDADE

DISTRIBUIDORA CATARINENSE DE TECIDOS S/A.

Rua XV de Novembro, 25 — Caixa Postal, 157

Telegrs.: "DISTRIBUIDORA"

Fones: 22-0825 e 22-0827

BLUMENAU - S. C.

"TECIDOS E ARTEFATOS DAS MELHORES FÁBRICAS TÊXTEIS DO PAÍS"

VENDAS SÔMENTE POR ATACADO